

Esboço cartográfico de tradução e psicanálise: por uma ética da relação.

Cartographic sketch of translation and psychoanalysis: for an ethics of relationship.

ALBA ESCALANTE

KARIME COLARES

RESUMO: Neste trabalho apresentamos uma proposta de articulação entre tradução e psicanálise a partir de uma reflexão ética. Tomando como referência o neologismo lacaniano *varité*, propomos uma ética da relação que escapa da cilada do relativismo. O recurso à cartografia mostra o itinerário das ideias, e passa por duas pistas: a função do analista como intérprete da discórdia das línguas e o passo epistêmico do inconsciente monolíngue ao *l'une-bévue*.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise – tradução – cartografia – ética – equívoco.

ABSTRACT: In this paper we present a proposal for an articulation between translation and psychoanalysis based on an ethical reflection. Taking the Lacanian neologism *varité* as a reference, we propose an ethics of the relationship that escapes from relativism. The resource of cartography shows the itinerary of ideas and passes through two tracks: the function of the analyst as an interpreter of the discord of languages and the epistemic step from the monolingual unconscious to the *l'une-bévue*.

KEY WORDS: Psychoanalysis – translation – cartography – ethics – misunderstanding.

Introdução

Todos nós sabemos que Babel e Pentecostes espreitam a cultura ocidental há bastante tempo; portanto, para nos situarmos no amplo tema da tradução, não seria justo iniciar por capítulos tão distantes. Para introduzirmos o assunto, parece pertinente lembrar que discursos de, em, para, sobre... tradução foram produzidos e traduzidos ao longo da história.

Sejamos breves e, a propósito do que Antoine Berman¹ denomina discursos tradicionais, mencionemos Wilhem Von Humboldt com seu prefácio introdutório ao *Agamémnon* de Ésquilo, de 1916; um texto lido por alguns como o lado antagônico da linguística que defendia a total traduzibilidade em função da evolução das línguas, como pretendia Leibniz, para quem a tradução mais perfeita seria a mais Lógica.² Se nos situarmos em 1923, podemos recordar Walter Benjamin,

¹ Berman, A. (1989). *La traducción y sus discursos*. Tradução: John Jairo Gomez Montoya. Vol.4, no.2. 2011. pp. 237-248.

² Vega, M. A. (2004). *Textos clásicos de la teoría de traducción*. Madrid: Cátedra.

tradutor de Baudelaire, e seu ensaio sobre a tarefa do tradutor, texto que, por sua vez, foi submetido a inúmeras operações de tradução, tanto por sua transposição para outros idiomas quanto pela multiplicidade de comentários suscitados.³ Finalmente, vamos nos voltar para Borges, outro dos clássicos, e sua série, que aqui mencionamos de forma incompleta: *Las dos maneras de traducir*,⁴ *Las versiones homéricas*,⁵ *Pierre Menard, el autor del Quijote*.⁶ O fato é que, como culturas traduzidas que somos, quer sejamos percebidas ou desconsideradas, estamos constantemente atravessando e sendo atravessadas pela tradução, sendo os argumentos sobre a sua importância verdadeiros truísmos.

Mas, como uma disciplina científica, é consensual que há uma data e um evento que marcam os Estudos de Tradução. Referimo-nos a James Holmes – poeta, tradutor, professor, ativista, pesquisador – que apresentou, no Terceiro Congresso de Linguística Aplicada, em 1972, em Copenhague, um artigo intitulado: *The Name and Nature of Translation Studies*.⁷ Nesse artigo, Holmes observa que, em meados do século XX, a tradução era de grande interesse para pesquisadores de áreas diversas que iam desde a linguística e a literatura até a teoria da informação e a lógica matemática, e propõe um "esquema" para colocar a casa em ordem.⁸

O episódio protagonizado por Holmes marca uma espécie de estabilização, a partir do ponto de vista teórico e metodológico, desse campo escorregadio, nômade e indisciplinado. Isso possibilitou dar-lhe um traçado ao itinerário. Nesse contexto, algumas viradas podem ser identificadas: linguística, cultural, ficcional, sociológica etc.

Assim, a partir de um território amplo e complexo, concentraremos nossa apresentação na chamada virada ética que, segundo Babara Godard,⁹ é inaugurada com *L'Épreuve de l'étranger*¹⁰ de Antoine Berman, tradutor e teórico francês que compõe sua proposta com algumas costuras psicanalíticas. Entretanto, nosso interesse não se limita à presença de um ou outro termo psicanalítico recolhido das páginas eruditas da obra de Berman. Sem querer desmerecer esses aspectos, o que nos move é o questionamento da perspectiva ética para produzir um trajeto que, a partir dela, articule tradução e psicanálise.

³ Lages, S. K. (2022). *Walter Benjamin: Tradução e melancolia*. São Paulo: EDUSP.

⁴ Borges, J. L. (1926). "Las dos maneras de traducir". In: *Textos recobrados, 1919-1930*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1997.

⁵ Borges, J. L. (1932). "Las versiones homéricas". In: *Obras completas. 1923-1949*. Barcelona: Emecé Editores, 1996.

⁶ Borges, J. L. (1932). "Pierre Menard, el autor del Quijote". In: *Obras completas. 1923-1949*. Barcelona: Emecé Editores, 1996.

⁷ Holmes, J. S. (1994). *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam & Atlanta, GA: Editions Rodopi.

⁸ Villanueva Jordán, I. (2001). "A través del esquema de James S. Holmes". *Revista de la Facultad de Humanidades y Lenguas Modernas*, 14, pp. 67-83.

⁹ Godard, B. (2021). "A ética do traduzir: Antoine Berman e a 'virada ética' na tradução". *Tradução em Revista*, 30, 2021.1, pp. 369-403. <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/52947/52947.PDF>.

¹⁰ Berman, A. (1984). *L'Épreuve de l'étranger*. Paris: Gallimard.

Gostaríamos de ressaltar que este trabalho é apenas um esboço do itinerário e não uma proposta acabada. Dito isso, parece pertinente iniciar a exposição com a seguinte pergunta: em que consiste essa perspectiva ética proposta por Berman?

[...] a essência da tradução é a abertura, o diálogo, a mestiçagem, a descentralização. **É colocar em relação, ou não é nada.** [l'essence de la traduction est d'être ouverture, dialogue, métissage, décentrement. **Elle est mise en rapport,** ou elle n'est rien].¹¹

Se a ética a que nos referimos supõe "colocar em relação", isso implica destacar o neologismo lacaniano, recuperado por Barbara Cassin:¹² *varité*, a variedade na verdade que passa a ocupar o lugar desagradável e enfadonho de "fundar a autoridade de uma comunidade discursiva intercultural".¹³

O ofício ético de traduzir: não relativista, mas relacional

A reflexão constante sobre nossa posição sobre, de, em, para a tradução como uma operação de "colocar em relação", acompanha a tarefa própria da tradução, a saber, a labuta entre os idiomas. Ao serpentear pelas margens para erodir suas fronteiras e ocupar o território, nosso ofício supõe produzir o "entre", *in between* da tradução, um espaço de desterritorialização, nômade, liso.¹⁴ É aí que a problemática se potencializa: "um apelo ao paganismo para combater os nacionalismos identitários e excludentes tão propensos aos 'gênios' das línguas".¹⁵ Esse paganismo nômade é uma posição.

Todo tradutor mantém uma relação específica com sua própria atividade, ou seja, uma certa "concepção" ou "percepção" do traduzir, de seus sentidos, de suas finalidades, de suas formas e modos. "Concepção" e "percepção" que não são puramente pessoais, pois o tradutor está efetivamente marcado por um discurso histórico, social e literário sobre a tradução.¹⁶

¹¹ Ibidem, p.16.

¹² Cassin, B. (2019). *Elogio de la traducción. Complicar el Universal*. Tradução: Irene Agoff. Buenos Aires: Cuenco de la Plata. p.114.

¹³ Godard, B. (2021). Op.cit. p.379.

¹⁴ Deleuze, G; Guattari, F. (2010). Tratado de nomadologia: la máquina de guerra. In: *Mil mesetas. Capitalismo y Esquizofrenia*. Tradução: José Vásquez Pérez. Valencia: Pré-textos.

¹⁵ Cassin, B. (2019). *Elogio de la traducción. Complicar el Universal*. Tradução: Irene Agoff. Buenos Aires: Cuenco de la Plata. p.166.

¹⁶ Berman, A. (1995). *Pour une Critique des traductions: John Donne*. France: Éditions Gallimard. p. 47. (tradução nossa).

A discussão nos é imposta como parte do trabalho porque, queiramos ou não, a tradução é um desses campos em que as opiniões são abundantes; todos temos uma ideia sobre tradução e, como diz Meschonnic: "Cada saber produz sua ignorância e impede saber, e não se sabe que não se sabe".¹⁷

Ora, para além das muitas opiniões, não podemos negar que, assim como acontece com outros campos do conhecimento, a psicanálise é tributária de suas traduções, dívida que se cobra em cada uma das traduções que surgem. Dizer isso já pressupõe que abrimos o caminho para o que não sabemos.

A experiência de traduzir nos permite colocar à prova o etnocentrismo nosso de cada dia. Mas o que significa etnocentrismo? A posição etnocêntrica, culturalmente falando, é aquela que considera um dos lados – fonte ou alvo – como um ser intocável e superior, que não pode ser perturbado pelo ato de traduzir.¹⁸ Essa posição encontra seu contraponto no que propomos como uma ética da relação, ou ética relacional. Sobre isso, Meschonnic, que teve uma relação muito próxima com Berman – próxima, embora não pacífica – nos dá a pista de nossa relação com a linguagem:

A relação consigo mesmo, com o pensamento, com os outros, passa, e volta a passar incessantemente pela linguagem. Por conseguinte, **não há ética se não houver ética da linguagem, se a ética não for uma ética da linguagem por meio da passagem incessante do eu para o tu, incluindo o ausente, o *ele***. O que nos leva à famosa frase de Rimbaud, em todos os sentidos: "o eu é outro".¹⁹

Entramos sem saber o que vai nos perturbar e o que será perturbado. Paradoxalmente: "Nós vivemos em uma heterogeneidade das categorias da razão. Ela produziu saberes, mas saberes que ao mesmo tempo justapõe regionalismos do saber e não fornecem os meios para saber o que esses saberes nos impedem saber".²⁰

Em uma tensão limite, a tradução, além de ser disciplinada como a ciência do espaço estriado que se mede antes de ser ocupado, que vai de um ponto a outro – língua fonte ⇔ língua alvo – supõe também a ciência menor, a do espaço liso. Marcado por traços efêmeros, no espaço liso da tradução encontramos acidentes, deformações, transmutações, transformações. Ocupamos e somos ocupados pelo espaço liso, sem medi-lo. Território da multiplicidade, não métrica, descentrada, rizomática, cartográfica; é o espaço problemático, não teoremático. Nômades, no espaço liso somos

¹⁷ Meschonnic, H. (2009). *Ética y Política del traducir*. Traducción: Hugo Savino. Buenos Aires: Editorial Leviatán. p.21.

¹⁸ Berman, A. (1999[2014]). *Traducción y la letra o albergue de lo lejano*. Traducción: Ignacio Rodríguez. Buenos Aires: Dedalus Editores.

¹⁹ Meschonnic, H. (2009). Op.cit. p.21.

²⁰ Meschonnic, H. (2009). Op.cit. p.21.

"estrangeiros de nossa própria língua",²¹ nos desterritorializamos com a intensidade de um turbilhão.²²

Não se trata de uma questão de polos, nem de outra das muitas dicotomias que já temos de sobra. Trata-se de uma tensão limite; o espaço estriado, comportando fonte \Leftrightarrow alvo, em coexistência com o devir do espaço liso, ziguezagueando entre línguas gaguejantes, que não cessa de ser traduzido.

Deslocados do monolinguismo: o equívoco

Em meio ao trabalho de investigação que implica traduzir, quando não estamos sujeitos aos imperativos do mercado e o levamos a sério, surge a pergunta provocada por um deslocamento da posição monolíngue. De que raios Lacan está falando quando comenta sobre traduções? Quando Lacan, por exemplo, menciona as traduções de Freud, está se referindo aos textos traduzidos que, na época, circulavam em língua francesa. E ele só pode falar dessas traduções porque se desloca de seu monolinguismo e, ao fazê-lo, convida seus interlocutores a fazerem o mesmo. É esse movimento que estamos tentando recolher a partir de uma perspectiva cartográfica.

Na reunião de 5 de fevereiro de 1964 do *Seminário II*, Lacan comenta o conceito de repetição e traz uma referência à tradução do "conhecido" texto de Freud, "Além do Princípio do Prazer":

Tentem ler esse capítulo cinco, linha por linha, em outro idioma que não seja o francês. Aqueles que não sabem alemão, leiam-no na tradução inglesa [...]. É assim que se transmite o ensino psicanalítico.²³

Lacan está se referindo à tradução francesa, e não àquelas que conhecemos em nossos idiomas. Isso, em princípio, passa despercebido. A ilusão de que Lacan nos fala em nossa própria língua nos abandona. A partir daí, entramos na **zona** de tradução, ou seja, entramos em suas confusões, suas gagueiras, seus interstícios. Para os falantes de espanhol, **zona** não tem a mesma homonímia que existe em português, mas a do português só chega até nós porque estamos entre línguas. Existe a possibilidade de que a homonímia não seja escutada, mas também a possibilidade de fazê-la ser ouvida. Vamos escutá-la: em português, saindo do português, além do território, **zona** é uma desordem.

²¹ Deleuze, G; Guattari, F. (2010 a). 20 de novembro de 1923. Postulados de la lingüística. In: *Mil mesetas. Capitalismo y Esquizofrenia*. Traducción: José Vásquez Pérez. Valencia: Pré-textos. pp. 102-107.

²² Deleuze, G; Guattari, F. (2010 b). Tratado de nomadologia: La máquina de guerra In: *Mil mesetas. Capitalismo y Esquizofrenia*. Traducción: José Vásquez Pérez. Valencia: Pré-textos. (Ver, especialmente, páginas 385 e 386).

²³ Lacan, J. (1964 [1988]). *O Seminário. Livro II*. Tradução: M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. p.51.

Lacan nos convida a ler em outra língua e, mais além de sua ironia sobre como a psicanálise está impregnada de uma leitura sedentária e monolíngue, sua menção à tradução nos desloca à **zona** de tradução, onde deixamos jogar o equívoco, que, no trajeto, se desenha e se borra.

Nomadismo da transmissão do equívoco e, para que haja equívoco, é necessário sair do espaço estriado das línguas, de seus muros e amores. Tradução: língua menor.²⁴ É assim que o intervalo prossegue. Neste ponto, esclareçamos que, quando falamos de monolinguismo, não estamos pensando em alguém que fala apenas uma língua. Pode-se ser monolíngue falando muitos idiomas e não ser monolíngue em apenas um, tudo depende do sentido. Mas qual é o sentido?

Uma pessoa é bilíngue ou multilíngue em sua própria língua. Conquistar a língua maior para traçar nela os idiomas menores todavia desconhecidos. Utilizar o idioma menor para fazer fugir a língua maior. Um autor menor é aquele que é estrangeiro em sua própria língua.²⁵

Não poderíamos ler os neologismos de Lacan como a aposta redobrada para deixar passar a língua menor? Em seu trabalho sobre os neologismos de Lacan, Gabriela Mascheroni nos remete à Conferência de Genebra:

É absolutamente certo que é no modo como *lalangue* foi falada e também ouvida por tal ou qual, em sua particularidade, que algo sairá dali como sonhos, como toda sorte de tropeços, em todas as maneiras e formas de dizer.²⁶

E acrescenta, em referência a Cassin: "o sentido não pode deixar de ser equívoco, e isso é chamado de *au-sentido* [*ab-sens*]".²⁷ O jogo de homonímia permitido pela língua francesa refere-se à ausência (*absence*) de sentido. Essa é a proposta de Lacan para distinguir, de maneira radical, a ausência de sentido do "sem sentido".

Diferente do "sem sentido", o "entre" do equívoco e da tradução tem seus próprios itinerários. A gagueira das línguas produz ressonâncias.

Só agora [...] compreendo a força da homonímia dentro do dicionário que criamos. É só agora que entendo por que a frase de Lacan em "L'Étourdit"

²⁴ Deleuze, G; Guattari, F. (2010a). 20 de noviembre de 1923. Postulados de la lingüística. In: *Mil mesetas. Capitalismo y Esquizofrenia*. Tradução: José Vásquez Pérez. Valencia: Pré-textos. p. 104.

²⁵ Ibidem, p.107.

²⁶ Mascheroni, G. (2014). *Los neologismos de Lacan. Una teoría en acto*. Buenos Aires: Letra Viva. p. 110.

²⁷ Cassin, B. (2011). *Jacques, o Sofista*. Lacan, logos e psicanálise. São Paulo: Autêntica. p.24.

sobre "a integral dos equívocos" apareceu diante de mim como uma bússola [...]:

O dizer da análise procede apenas do fato de que o inconsciente, por estar "estruturado como uma linguagem", isto é, lalíngua que o habita, está sujeito ao equívoco pelo qual cada um se distingue. Uma língua entre outras nada mais é do que a integral dos equívocos que sua história permitiu que nela persistissem. Em "L'Étourdit", a frase é aplicada à lalíngua de cada um, ou seja, apenas às línguas do inconsciente; está claro que as lalínguas do inconsciente são ditas no plural, uma por uma, cada uma como "entre outras" [...].

Entre outras? Justamente, é preciso que a língua materna, ou a lalíngua de cada um, reverbere contra o muro de outra língua para que deixe de resultar natural, pois é então reenviada, ouvida e, muito precisamente, "analisada" por um terceiro.²⁸

Mascheroni, referindo-se à conferência de Genebra, aponta que o equívoco é uma arma contra o sintoma, a única maneira pela qual a interpretação opera. Na mesma linha, podemos pensar que a ética da relação é aquela que permite e opera precisamente em, de, para, com, sobre... o equívoco. Em Yale, Lacan propõe:

Em nenhum caso uma intervenção psicanalítica deve ser teórica, sugestiva, ou seja, imperativa; ela deve ser equívoca.

A interpretação analítica não é feita para ser compreendida; ela é feita para produzir ondas.²⁹

O deslocamento do monolinguismo, relativo ao território do entre, não linear, apresenta-se mais como uma geografia, proposta propícia para avançar a ideia, já apresentada por Derrida,³⁰ de uma geo psicanálise, gesto decolonial essencial para uma psicanálise por vir.

Sem cair na contradição que muitas vezes é sintetizada na famosa frase: "já estava em Lacan", uma vez que o que estamos fazendo é apresentar nossa cartografia, nos referimos a duas pistas: 1) a função do analista como intérprete da discórdia das línguas; 2) o passo epistêmico do inconsciente monolíngue ao *l'une-bévue*.

²⁸ Cassin, B. (2019). *Elogio de la traducción. Complicar el Universal*. Tradução: Irene Agoff. Buenos Aires: Cuenco de la Plata. p.95

²⁹ Lacan, J. (1975 [2016]). Conferência em Yale, 24 de novembro de 1975. In: *Lacan in North America*. Tradução: Frederico Denez e Gustavo C. Volaco. p.53. (tradução modificada). <http://www.editorafi.org>.

³⁰ Derrida, J. (2007). Geopsychoanalysis "and the rest of the world". Tradução: Peggy Kamuf. In: *Inventions of the Other, Volume I*. California: Stanford University Press, pp. 318-343.

Renunciando a uma abordagem exaustiva, podemos encontrar algumas ressonâncias da primeira pista, a saber, a função do analista como intérprete da discórdia entre as línguas, no fragmento a seguir:

Melhor, então, que renuncie aquele que não pode unir ao seu horizonte a subjetividade de sua época. Pois como ele poderia fazer de seu ser o eixo de tantas vidas se não soubesse nada da dialética que o lança com essas vidas em um movimento simbólico? Que ele conheça bem a espiral para a qual sua época o arrasta na obra continuada de Babel, e que saiba sua função de intérprete na discórdia das linguagens.³¹

Também nos parece pertinente recordar como reverberou – e continua reverberando na multiplicidade de traduções – a conferência de Lacan de outubro de 1966,³² proferida em inglês, carregada de sotaque francês, e atravessada por essa – e outras – línguas.³³

Apresentamos a segunda pista como um prenúncio de itinerários, pois mostra um momento em que o inconsciente, *a raiz*³⁴ – rizoma – da passagem entre línguas – uma equivocação – torna-se *l'une-bévue*.³⁵

Vamos recortar algumas linhas de nosso percurso:

1. Propomos pensar uma ética da relação. Contudo, na aula do dia 11 de janeiro de 1977,³⁶ Lacan lembra ter dito que não há relação entre o saber – do inconsciente – e a verdade. Isso nos leva às seguintes questões:

a) Não é precisamente essa “não relação” entre saber e verdade um fio possível para sustentar que a ética da relação é a ética da *varité* e do saber do equívoco inconsciente? Dito de outro modo, a ética que estamos propondo, é uma ética da relação entre o saber do inconsciente e a *varité*. Relação, por sua vez, apoiada na “não relação” entre o saber do inconsciente e a verdade.

b) Trata-se de uma posição relacional e não relativa. Acaso essa posição não estaria relacionada com a integral dos equívocos que as línguas permitem subsistir?

³¹ Lacan, J. (1953[1988]). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Tradução: Vera Ribeiro. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. p. 322.

³² Lacan, J. (1966 [1972]). De la estructura como “inmixing” del prerequisite de alteridad de cualquiera de los otros temas. In: Macksey, R. & Donato, E. (orgs). *Los lenguajes críticos y las ciencias del hombre. Controversia estructuralista*. Tradução: José Manuel Llorca. Barcelona: Barral.

³³ Escalante, A. s.f. *Cartografia de um comentário de tradução*.

³⁴ Este trabalho é a tradução de um texto que foi inicialmente escrito em espanhol, embora tenha se expandido para linhas escritas em português. Trata-se de um texto escrito “entre línguas”. Em espanhol, a locução preposicional “*a raiz*”, foi colocada de forma propositada para produzir ressonâncias com “rizoma”. Mas, se traduzida por “*a raiz*”, gera um equívoco interessante, pois parece se referir ao substantivo feminino proveniente da botânica. Esclarecemos, para melhor entendimento, que em português, “*a raiz*”, pode ser traduzida pelas locuções: “em virtude de”, “graças a”, “em razão de”.

³⁵ Lacan, J. (1976). *Le séminaire 24. L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*. Aula de 16/11/1976. staferla.free.fr.

³⁶ *Ibidem*. Aula de 11/01/1977

c) Poderíamos pensar em nossa ética relacional enquanto correlata ao relativismo consequente – *Energeia* – como proposto por Cassin?

d) Não seria a *Energeia*, atividade que está sendo feita, traçando um caminho, própria da ciência do *nomos*, do espaço liso, que fissa a *logos* do espaço estriado da ciência régia?

2. Em lugar de "o inconsciente estruturado como uma linguagem", propomos, acompanhando Lacan, uma equivocação, *l'une-bévue*, entre línguas. "Não se pode falar de uma língua a não ser em outra língua [...] não conheço outra linguagem que não seja uma série de línguas encarnadas".³⁷ Não são essas línguas encarnadas que comportam a integral dos equívocos? Línguas no plural, desterritorializadas na tradução.

Eu disse que havia – no sentido do uso do partitivo em francês – que havia de *l'une-bévue*. Essa é uma maneira tão boa de traduzir o *Unbewußte* quanto qualquer outra, como o inconsciente em particular, que, em francês, e também em alemão, traz um equívoco com a consciência. O inconsciente não tem nada a ver com a inconsciência. Então, por que não traduzir tranquilamente como *l'une-bévue*?³⁸

Quando passamos pela tradução, a ideia de estrutura como algo fixo estremece. Mais de um idioma é colocado em jogo para abalar o solo do monolinguismo. O que podemos dizer neste momento sobre o que tentamos articular da relação entre tradução e psicanálise?

Os leitores da tradução não sabem o que nós, tradutores, fazemos porque o que se entrega é a "boa forma" do espaço estriado. Certamente, essa forma nem sempre é tão boa. Agora, na intimidade da tradução, há uma espécie de pentagrama em funcionamento, algumas vezes são produzidos poemas visuais e, depois de uma palavra, três ou quatro se desdobram. Ou então, estamos em uma linha e o que se segue é a nota de quatro linhas acima ou abaixo.

Dito isso, um novo ingrediente é acrescentado à ética proposta: a poética. Essa poética não é a inspiração das musas, mas um índice do nomadismo do espaço liso da tradução; tensão entre o espaço estriado e o espaço liso; fissura do "entre línguas".

Mas basta ouvir a poesia [...] para que nela se ouça uma polifonia e para que todo discurso mostre alinhar-se sobre vários pentagramas de uma partitura.³⁹

³⁷ Ibidem. Aula de 17/05/1977. (tradução nossa).

³⁸ Ibidem. Aula de 16/11/1976. (tradução nossa).

³⁹ Lacan, J. (1957 [1988]). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. Tradução: Vera Ribeiro. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. p. 506.

Acontece o desdobramento do texto – espaço liso, topológico, das multiplicidades, da criação – e diante da pauta é preciso escolher – espaço estriado, da reprodução. Como se trata de uma tensão, podemos, em um determinado momento, escolher ouvir algumas notas da partitura, as inconsistências ou as fortunas do texto. Também podemos silenciar algumas notas.

Traduzir não é substituir uma palavra por outra, isso só acontece em sistemas binários que são replicados em dicionários de sonhos, nos quais o que é sonhado se torna equivalente a um significado preestabelecido, um espaço estriado no qual a matéria já está preparada: dente = morre parente. Em tais formulações, não há equívoco, não há desdobramento, não há entre, não há escolha. Há um acordo estéril, ou uma necessidade de comunicação, reprodução e estabilização.

Já o “entre”, o intervalo, são, em sua tensão com as categorias das línguas, os territórios da tradução e da análise. Na psicanálise, trabalhamos para introduzir o equívoco, uma variedade/verdade (*varité*), mais além do jogo intersubjetivo, seja na forma de neologismos, seja ocupando as margens infinitas das notas, na aposta de uma leitura não sedentária nem definitiva. A radicalidade dessa ética, no caso da tradução de textos teóricos, talvez seja contornada pela necessidade de uma escolha que visa comunicar as estranhezas do pensamento. Assim, ao confrontar a ética da tradução com a ética da psicanálise, não ousamos afirmar em que ponto elas se aproximam ou se distanciam. No entanto, o próprio exercício de pensar sobre elas nos permitiu traçar alguns caminhos que, até agora, não tínhamos conseguido escrever.

Em continuidade: Lacan e tradução

Este trabalho decorre de nosso interesse pela tradução das teorias psicanalíticas, com todos os sentidos e direções que dela se desdobram. Naturalmente, também decorre das questões que surgem em nossa atividade como tradutores, especialmente do fato de que cada tradução destila traços de outras traduções.

Em 2019,⁴⁰ a partir de um projeto de pesquisa no qual coletamos as menções à tradução nos seminários de Lacan, conseguimos colocar em ordem algumas categorias de análise:

1. Lacan comenta as traduções dos textos freudianos – francês, inglês. Ele aponta problemas (erros) nas traduções.
2. Lacan menciona e comenta traduções de outros textos – Bíblia, Schreber, Shakespeare, Sófocles, Goethe, Platão, Heráclito, Descartes, Dante, Aristóteles etc.

⁴⁰ A fase inicial dessa pesquisa foi apresentada em: Chaud, Vitoria (2019): Mapeamento da concepção de tradução em *El Seminario* de Jacques Lacan. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras-Tradução Espanhol), Universidade de Brasília, 2020. Esse trabalho faz parte do conjunto de produções que foram desenvolvidas no projeto intitulado, Tradução e Psicanálise: Políticas de Transmissão, coordenado por Alba Escalante, com participação de vários membros de APOLa Brasília.

3. Lacan teoriza o inconsciente com base na ideia de tradução – o gênio da língua Joyce, Babel, a tradução como metalinguagem.
4. Lacan propõe operações de tradução – via etimológica, contraste entre línguas, introdução de novos termos.
5. Lacan menciona a tradução em um sentido figurado.

Talvez os psicanalistas, acostumados a ler os seminários de Lacan, não considerem essa numeração importante. No entanto, para nós, é importante notar, em primeiro lugar, que Lacan visibiliza a tradução, não apenas quando fala mal dela, mas também quando a reconhece como aquilo pelo qual passamos e que nos atravessa ao longo da história. O segundo aspecto é que esse modo de trabalhar ilustra o espaço estriado, no qual, a partir de um método, são criadas categorias, *logos*, que são ocupadas cada vez que algo encaixa. Nesse sentido, o espaço estriado, típico da ciência normal, é pautado pela reprodução.

Seria necessário opor dois tipos de ciências ou atitudes científicas: uma que consiste em reproduzir, outra que consiste em seguir. Uma seria a da reprodução, repetição, reiteração; a outra, a da itinerância, o conjunto das ciências ambulantes, itinerantes [...] o ideal da reprodução, dedução e indução [...] faz parte da ciência real [...] Reproduzir implica a permanência de um ponto de vista fixo, exterior ao que é reproduzido [...] mas seguir é totalmente diferente, não é melhor, mas outra coisa. Somos obrigados a seguir quando estamos em busca das "singularidades" de uma matéria, ou melhor, de um material, e não tentando descobrir uma forma.

Há ciências errantes, itinerantes, que consistem em seguir um fluxo em um campo de vetores no qual as singularidades estão distribuídas como tantos outros "acidentes" (problemas) [...] nas ciências errantes ou nômades, a ciência não está destinada a assumir um poder, nem mesmo um desenvolvimento autônomo. Faltam-lhes os meios para isso.⁴¹

Inexatas, mas não menos rigorosas, nós nos permitimos o problema: o que acontece se, em vez de categorias de encaixe, propusermos um itinerário? O que acontece se continuarmos a fazer algo, não melhor, mas diferente? Assim, tentamos ocupar o espaço sem medi-lo, desterritorializamos

⁴¹ Deleuze, G; Guattari, F. (2010 b). Tratado de nomadologia: La máquina de guerra. In: *Mil mesetas. Capitalismo y Esquizofrenia*. Tradução: José Vásquez Pérez. Valencia: Pré-textos. pp.377-378

BIBLIOGRAFIA

1. Berman, A. (1984). *L'Épreuve de l'étranger*. Paris : Gallimard.
2. Berman, A. (1989 [2011]). *La traducción y sus discursos*. Tradução: John Jairo Gómez Montoya. Mutatis Mutandis. Vol. 4, No. 2.
3. Berman, A. (1995). *Pour une critique des Traductions : John Donne*. France: Éditions Gallimard.
4. Berman, A. (1999 [2014]). *Traducción y la letra o albergue de lo lejano*. Tradução: Ignacio Rodriguez. Buenos Aires: Dedalus Editores.
5. Borges, J. L. (1926 [1997]). “Las dos maneras de traducir “. In: *Textos recobrados 1919-1930*. Buenos Aires: Emecé Editores.
6. Borges, J.L. (1932 [1996]). “Las versiones homéricas”. In: *Obras completas. 1923-1949*. Barcelona: Emecé.
7. Borges, J. L. (1939 [1996]). “Pierre Menard, autor del Quijote “. In: *Obras completas. 1923-1949*. Barcelona: Emecé.
8. Cassin, B. (2011). *Jacques, o sofista*. Lacan, logos e psicanálise. São Paulo: Autêntica.
9. Cassin, B. (2019). *Elogio de la traducción. Complicar el Universal*. Traducción Irene Agoff. Buenos Aires: Cuenco de la Plata.
10. Deleuze, G; Guattari. F. (2010a). 20 noviembre 1923 – Postulados de la lingüística. In: *Mil mesetas. Capitalismo y Esquizofrenia*. Traducción José Vásquez Pérez. Valencia: Pré-textos.
11. Deleuze, G; Guattari. F. (2010b). 1227 - Tratado de nomadología: la máquina de guerra. In: *Mil mesetas. Capitalismo y Esquizofrenia*. Traducción José Vásquez Pérez. Valencia: Pré-textos.
12. Derrida, J. (2007). Geopsychoanalysis "and the rest of the world". Tradução Peggy Kamuf. In: *Inventions of the Other, Volume I*. California: Stanford University Press.
13. Escalante, A. (s.f.). “Cartografia de um comentário de tradução”.
14. Godard, B. “A ética do traduzir: Antoine Berman e a ‘virada ética’ na tradução. *Tradução em Revista*, 30, 2021.1, p.369-403. <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/52947/52947.PDF>
15. Holmes, J.S. (1994). *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam & Atlanta, GA: Editions Rodopi.
16. Lacan, J. (1953[1988]). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Tradução: Vera Ribeiro. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
17. Lacan, J. (1957 [1988]). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. Tradução: Vera Ribeiro. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
18. Lacan, J. (1964 [1988]). *O Seminário. Livro II*. Tradução: M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
19. Lacan, J. (1966 [1972]). De la estructura como “inmixing” del prerrequisito de alteridad de cualquiera de los otros temas. In: Macksey, R. & Donato, E. (orgs). *Los lenguajes críticos y las ciencias del hombre. Controversia estructuralista*. Tradução: José Manuel Llorca. Barcelona: Barral.

-
20. Lacan, J. (1976). *Le séminaire 24. L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*. staferla.free.fr.
 21. Lacan, J. (1975 [2016]). Conferência em Yale, 24 de novembro de 1975. In: *Lacan in North America*. Tradução: Frederico Denez e Gustavo C. Volaco. p.53. (tradução modificada). <http://www.editorafi.org>.
 22. Lages, S. (2002) *Walter Benjamin: Tradução e melancolia*. São Paulo: EDUSP.
 23. Mascheroni, G. (2014). *Los neologismos de Lacan. Una teoría en acto*. Buenos Aires: Letra Viva.
 24. Meschonnic H. (2009). *Ética y Política del traducir*. Traducción Hugo Savino. Buenos Aires: Editorial Leviatán.
 25. Vega, M. A. (2004). *Textos clásicos de la teoría de traducción*. Madrid: Cátedra.
 26. Villanueva Jordán, I. (2001). “A través del esquema de James S. Holmes”. *Revista de la Facultad de Humanidades y Lenguas Modernas*, 14.

ALBA ESCALANTE

Psicóloga formada pela Universidade Central de Venezuela (UCV), Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília (UnB) e Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do Curso de Tradução Espanhol do departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Instituto de Letras (UnB) e membro do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução POSTRAD (UnB). Dirige o grupo de pesquisa: Tradução e Psicanálise, certificado pelo CNPq. É sócia de APOLa Sociedade Psicanalítica. Atualmente realiza Estudos de Pós-Doutorado no Programa em Psicologia Social e Institucional (PPGPSI) na Universidade Federal de Rio Grande do Sul. Psicanalista e tradutora.

E-mail: albaescalante@unb.br

KARIME COLARES

Psicóloga formada pela Universidade de Brasília. Psicanalista, sócia de APOLa Sociedade Psicanalítica e diretora da sede Brasília. Coautora de “Lacan. A revolução negada”. Participante do grupo de pesquisa Tradução e Psicanálise, certificado pelo CNPq.

E-mail: colares.karime@gmail.com